

O cinema brasileiro e os personagens muçulmanos - uma história de indiferença

PINTO, Ivonete

Este texto dá início a um projeto de indexação de filmes brasileiros que apresentam personagens muçulmanos. O levantamento apontou um pequeno número de títulos e que operam, como agravante, a distorção destes personagens através dos clichês. A investigação tenta dar conta da razão pela qual o cinema brasileiro não tem dado visibilidade a esta população, considerando tratar-se de um grupo crescente, com mais de 1,5 milhão de fiéis no País. A pesquisa dialoga com as linhas de pesquisa baseadas no binômio imigração-orientalismo.

O ataque às torres gêmeas em 11 de setembro de 2001 em Nova York tem resultado em inúmeras reflexões, sejam acadêmicas ou jornalísticas. Em geral, a conclusão é sempre a mesma: o Ocidente ignora o Oriente. Notadamente, ignoramos os povos que adotam modos de vida alicerçados em preceitos religiosos, como é o caso dos muçulmanos¹. É conhecida a relação de ignorância mesmo entre norte-americanos e os povos por eles invadidos. A guerra do Vietnã e mais recentemente a invasão do Afeganistão e do Iraque são exemplos do real poder deste desconhecimento, que se reveste na incapacidade de vencer estes povos, via de regra e de forma acachapante, inferiores militarmente. Nós, brasileiros, não estamos distantes deste comportamento que ignora o muçulmano, praticante de uma religião que hoje ostenta mais de um bilhão de adeptos no mundo². Nossa ignorância é revelada através da forma que tratamos o indivíduo muçulmano na teledramaturgia e no cinema.

1 - Existem 56 países muçulmanos no mundo. Considera-se “país muçulmano” aquele que apresenta mais de 50% de sua população como adepta do islamismo. Apenas 18% dos muçulmanos vivem em países árabes. (In: PINTO, 2005)

2 - O periódico do vaticano *L'Osservatore Romano*, ao citar o Anuário Pontifício de 2008, informou que um total de 17,4% da população mundial é católica, contra 19,2% que é muçulmana.

Na primeira etapa desta pesquisa, procurou-se indexar os filmes brasileiros que apresentam personagens muçulmanos por meio de bibliografia e sondagem com críticos de cinema e pesquisadores. No entanto, foi necessário ampliar o recorte abrigoando, ao menos como citação, também personagens árabes católicos. Isto em função do exíguo número de títulos relacionados e, é preciso defender, para melhor compreender a natureza dos personagens em questão. Os muçulmanos, desde as invasões comandadas pelo fundador do islamismo, o profeta Maomé, interagiram com povos de religiões distintas. Conforme Paulo Farah, professor de árabe na Universidade de São Paulo, as identidades islâmicas são múltiplas, “pois foram incorporadas e reelaboradas tradições de regiões fundamentais como a África, os países árabes (tanto africanos quanto asiáticos) e a Ásia em geral”. (FARAH, 2010).

No imaginário popular, árabe é quase sinônimo de muçulmano. Assim, podemos entender que o muçulmano não é apenas uma religião, mas uma cultura que, como uma esponja, assimila características de outras culturas, como a cristã. Por isso, as lembranças dos entrevistados não foram rechaçadas numa atitude apriorística.

Para a pesquisa bibliográfica, foi de grande auxílio o recém lançado *Dicionário de filmes brasileiros*, com 4 mil títulos indexados. Seu autor, Antônio Leão da Silva Neto, foi o primeiro a ser procurado e o primeiro a manifestar dificuldade com a pergunta-base da pesquisa: *Quais filmes brasileiros apresentam personagens muçulmanos?* Vários outros entrevistados apenas lembravam de títulos em que aparece a figura do “turco”, ou, na melhor das hipóteses, do árabe.³

Uma associação muito comum durante a sondagem foi com o período da chanchada. Jurandyr Noronha, memória viva do cinema nacional (nasceu em 1916), citou a atriz Zaquia Jorge, conhecida como “vedete do subúrbio”, por levar o teatro profissional à periferia carioca. Ela também ostentava o título de “morena de sangue árabe”, em função de sua origem e de suas feições. Entretanto, examinando a sinopse dos filmes em que trabalhou entre as décadas de 40 e 50, nenhum personagem a vinculava ao islamismo.

3 - Além de Leão, foram entrevistados para esta pesquisa os críticos e pesquisadores Jean-Claude Bernardet, Pedro Butcher, Maria do Rosário Caetano, André Dib, Carlos Alberto Mattos, Ely Azeredo, Jurandyr Noronha, Glênio Póvoas, Hernani Heffner, Michel Sleiman, Soraya Ismaili, Isam Issa, Ualid Rabah e Sylvio Back.

Outro decano da crítica, Ely Azeredo, além de também fazer referência às chanchadas, lembra que o apelido de Walter Hugo Khouri, que apesar da crença familiar ser cristã, era conhecido como o “muçulmano”, apelido inventado por Rubem Biafora, mas que somente um pequeno círculo paulistano conhecia. Khouri tinha raízes no Oriente Médio por ser de família libanesa⁴, mas assim como outros cineastas de origem árabe, como Jorge Ileli e Braz Chediak, não produziu filmes com personagens árabes e/ou muçulmanos. Estes nomes chamam a atenção, justamente, por nunca terem trabalhado com personagens com este perfil. Já o cineasta Karim Aïnouz que é, por parte de pai, de origem berbere (tribos árabes oriundas do Magreb africano), não fez filmes que envolvem personagens árabes/muçulmanos, mas afirmou em entrevistas que após o 11 de setembro se tornou mais árabe do que nunca.

O levantamento prévio apontou poucos filmes com estes personagens e raros onde eles de fato seriam muçulmanos. A imagem que o cinema brasileiro revela destas figuras está em sintonia com a imagem histórica distorcida que o brasileiro comum tem de povos cuja etnia tem como origem o Oriente.

Para sermos mais precisos, a história dos muçulmanos no Brasil – ou a sua negação – nos remete ao século XVIII, quando grupos de origem africana islamizada vieram parar no Brasil como escravos. Eram os *malês*. A expressão, oriunda do iorubá “imale”, designava os negros muçulmanos que dominavam a língua árabe. Com a proibição do culto, os malês tiveram ainda mais motivos para se insurgirem. O historiador João José Reis escreveu o livro de maior referência sobre o tema: *Rebelião escrava no Brasil – A história do levante dos malês em 1835*. Como o Brasil apresenta uma cinematografia acanhada no que diz respeito à produção de filmes históricos, os malês são praticamente desconhecidos. Sites da internet dão conta de que o ator Antônio Pitanga acalenta um projeto sobre o tema, no entanto, não há notícias mais consistentes sobre a realização do filme.

OS TURCOS

4 - “Minha mãe era brasileira, seus pais italianos, eu cresci com meu avô italiano. Meu pai era greco-libanês, veio muito cedo para o Brasil. Os libaneses são muitos europeus, não têm nada de oriental. (...) O árabe eu falo um pouquinho, mas foi o italiano que me marcou.” (NAGIB, 2002, p. 241)

A história recente do País revela que a maior parte dos muçulmanos vindos para cá é de origem sírio-libanesa. Entretanto, a expressão “turco” foi a mais comum para designá-los. “Turco” era nome genérico para todo e qualquer imigrante vindo do Oriente Médio, principalmente o libanês. Via de regra, no Brasil, árabe, turco, libanês, persa, muçulmano/maometano (e às vezes até judeu), são termos para designar os oriundos do Oriente Médio.

Todos transformam-se em “turcos” compulsoriamente e, muitas vezes, com intenção pejorativa. Não raro, porém, havia um caráter carinhoso, como o turco Nacib Saad, do romance de Jorge Amado, *Gabriela, cravo e canela*. O texto foi adaptado para a novela da Rede Globo *Gabriela* (Walter Avancini, 1975), e mais tarde rendeu o filme homônimo de Bruno Barreto (1983). Atualmente, recebe nova versão da mesma Rede Globo. Na primeira versão da novela, o turco Nacib, dono do bar Vesúvio, era vivido por Armando Bogus; no filme, por Marcello Mastroiani. No enredo, o bigodudo Nacib na verdade é sírio-libanês e casa-se com Gabriela (Sônia Braga/Juliana Paes) apenas no civil, pois alega ser muçulmano, embora não-praticante. Nacib, como sírio, bem demonstra o quão pejorativo era o apelido, pois sempre repetia o bordão: “turco é a mãe!”

Em *A descoberta da América pelos turcos*, Jorge Amado abre o primeiro capítulo desta forma:

A acreditar-se nos historiadores ibéricos, sejam espanhóis sejam portugueses, a descoberta das Américas pelos turcos, que não são turcos coisíssima nenhuma, são árabes de boa cepa, deu-se em grande atraso, em época relativamente recente, no século passado, não antes. (AMADO, 1994, pp.1-2)

O uso do estereótipo envolvendo a imagem do turco também pode ser encontrado em um dos versos do poema de Carlos Drummond de Andrade intitulado *Os turcos*:

Os turcos nasceram para vender / bugigangas
coloridas em canastras / ambulantes.

Têm bigodes pontudos, caras / de couro curtido

É barato! Barato! Compra logo! / Paga depois! Mas compra!

A língua cifrada / cria um mundo-problema, em nosso mundo / como

um punhal cravado. (DRUMMOND DE ANDRADE, 1983, pp-604)

A explicação para serem chamados de turcos surge no início da imigração maciça dos povos do Oriente Médio, pelo fato de grande parte deles ter chegado com passaporte turco, pois, nessa época, os territórios que hoje pertencem à Síria e ao Líbano estavam sob domínio da Turquia (TRUZZI, 1991). Vale lembrar também que o turco é uma etnia, portanto não é árabe, como muitas vezes se vê confundido. 99% da população da Turquia é muçulmana.

Um documentário descoberto na pesquisa ilustra bem esta apropriação indébita em relação aos turcos. Trata-se *A guerra do pente – O dia em que Curitiba explodiu* (Nivaldo Lopes, 1986). O filme recupera um episódio ocorrido em dezembro de 1959, quando um subtenente da Polícia Militar do Paraná compra um pente e pede uma nota fiscal. O comerciante, o sírio-libanês Ahmad Najjar, em função do valor irrisório, não emite a nota, levando o comprador a vociferar que não era uma questão de valores, mas de princípios. A tensão cresce no ambiente: os funcionários arrastam o militar para fora da loja de forma violenta, causando-lhe fratura em uma das pernas. Um grupo de pessoas que assistia a briga se revolta e depreda a loja, começando então o que seria a maior revolta popular já vista na capital paranaense.

Ualid Rabah, diretor de Relações Institucionais da Federação Árabe Palestina do Brasil, em depoimento para a pesquisa, afirmou que o comércio dos imigrantes árabes nesta época em Curitiba se concentrava na Praça Tiradentes e suas adjacências. Segundo ele, a praça era chamada de Praça Turquia. Ou seja: antes de tudo eram “turcos”, termo adotado para designar os imigrantes árabes num certo tom depreciativo.

Curioso notar que o traço turco do homem com bigodes hoje não está mais presente. A pele morena já basta, ao menos na Europa e Estados Unidos, para qualquer latino-americano ser confundido com o árabe e, assim, virar suspeito. Em consequência dos atentados de 11 de setembro de 2001, como já dito, várias cinematografias passaram a abordar o tema, mesmo que indiretamente. No Brasil, *Jean Charles* (Henrique Goldman, 2009), é o único exemplo de obra que tem origem, de certa forma, no 11 de setembro, isto porque a alegação dos policiais ingleses que atiraram e mataram o mineiro católico

Jean Charles de Menezes no metrô de Londres é de que o brasileiro possuía “traços árabes”. O tema, no entanto, não é discutido no filme.

Há ainda um outro viés a ser observado. Se até então o árabe (incluindo cristãos e muçulmanos) era representado da forma aqui descrita como o “turco”, o “comerciante”, o “engraçado”, a partir de 11 de setembro, com o ataque às torres gêmeas em Nova York, todo indivíduo oriundo de uma provável “diáspora de Alá” adquire outra representação, a considerar a produção fílmica americana e europeia recente. Isto nos faz lembrar Homi Bhabha quando, citando Frantz Fanon, fala da “presença vigiada” e da “presença ignorada”. Se na primeira busca-se um controle do indivíduo perigoso, apto a explodir uma bomba em qualquer lugar, na segunda trata-se de uma “recusa psíquica” em entender e falar do outro. Fanon referia-se às colonizações francesas na Argélia e na Martinica, enquanto Bhabha pensa na colonização inglesa na Índia.

De nossa parte, podemos projetar esta situação transferida ao muçulmano, seja de que etnia for, vivendo fora de seus universos territoriais. A diferença, parece-nos, é que tanto os povos tematizados por Fanon como por Bhabha e Hall buscavam uma inserção pós-colonial neste novo mundo eurocêntrico.

A pesquisa procederá a análise dos seguintes filmes, entre outros:

Barnabé tu és meu (José Carlos Burle, 1952)

Tieta (Agnaldo Silva, 1989-1990)

Eróticas profissionais (Mozael Silveira, 1977)

Águia na cabeça (Paulo Thiago, 1984)

Baile perfumado (Lírio Ferreira e Paulo Caldas, 1997)

Lavoura arcaica (Luiz Fernando Carvalho, 2001)

A última estação (Marcio Curi, 2012)

Islã e fé em Salvador (Luciana Guimarães e Luiza Soares, 2007 - documentário)

A chave da casa (Paschoal Samora e Stela Grisotti, 2009 - documentário)

Que seus olhos sejam atendidos (Luiz Fernando Carvalho, 1997 - documentário) *Campo da Paz* (Gilmar Rodrigues, documentário inédito).

A última estação está com lançamento previsto para 2012 e deverá

ocupar o maior espaço entre os títulos analisados, pois é o primeiro trabalho de fato a contemplar personagens muçulmanos tendo-os como protagonistas. Com cenas rodadas no Brasil e no Líbano, *A última estação* narra as travessias que Tarik é levado a fazer ao longo da vida. Conforme o roteiro gentilmente cedido para esta pesquisa, a história apresenta uma espécie de primeira diáspora de Tarik, ainda menino, em 1950. Ele, o irmão mais novo e outros quatro meninos libaneses fogem da guerra no Oriente Médio, cruzam o Oceano Atlântico em um navio italiano de imigrantes e chegam em um Brasil prestes a iniciar sua histórica escalada de desenvolvimento econômico. 51 anos depois, acontece uma outra diáspora, que é quando Tarik (vivido pelo ator libanês Mounir MaAsri) atravessa o país, de São Paulo a Belém do Pará, num *road movie* que envolve personagens de outras religiões, como católicos e judeus.

Por ora, numa conclusão provisória por excelência, a representação do muçulmano vai demorar a acontecer, de forma a trazer à luz uma comunidade em expansão. Um exemplo de quão distante o muçulmano que vive no Brasil está, na forma da representação no cinema brasileiro, pode estar contido na resposta que o departamento cultural do Centro Islâmico no Brasil deu a esta pesquisa. Maior entidade a congregar muçulmanos no país, com site em cinco línguas, a resposta, por e-mail, foi esta: “Em nome de Deus. Desconhecemos pesquisadores trabalhando no tema.”

BIBLIOGRAFIA

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e Cidadãos**. Tradução de Mauricio Santana Dias. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

CORACINI, Maria José. **A Celebração do Outro – Arquivo, Memória e Identidade**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

GOMBRICH, E. **Arte e Ilusão**. Tradução de Raul de Sá Barbosa. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**. Tradução de Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

LIPOVETSKY, Gilles & ROUX, Elyette. **O Luxo Eterno – Daidade dos sagrado ao tempo das marcas**. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NAGIB, Lúcia. O cinema da retomada: depoimentos de 90 cineastas dos anos 90. São Paulo: Editora 34, 2002.

PINTO, Ivonete. **Descobrimo o Irã**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2ª ed. 2005.

REIS, João José. **Rebelião Escrava no Brasil – A História**

do Levante dos Malês em 1835. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SHAHEEN, Jack. **Guilty - Hollywood Verdict on Arabs after 9/11**. Northampton, MA: Olive Branch Press, 2008.

SEDLMAYER, Sabrina. **Ao lado esquerdo do Pai**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.

SILVA NETO, Antônio Leão. **Dicionário de Filmes Brasileiros – Longa Metragem**. Bernardo do Campo: Ed. do Autor, 2009.

TRUZZI, O. M. S. **De Mascates a Doutores: sírios e libaneses no Brasil**. São Paulo: IDESP, 1991.

VIANY, Alex. **Introdução ao Cinema Brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1993.

PERIÓDICOS

L'Osservatore Romano, Vaticano, 30 mar. 2008.

OLIVEIRA, Roberto. Alá na cabeça. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 jun. 2005.

PINTO, Ivonete. Muçulmanas do Brasil. **Revista Claudia**, São Paulo, p. 166 - 169, 01 mar. 2008.

INTERNET

ARRUDA, Aline Maria Thomé. **A presença libanesa em Foz do Iguaçu (Brasil) e Ciudad del Este (Paraguai)**. Universidade de Brasília. Instituto de Ciências Sociais. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <http://btdt.bce.unb.br/tesdesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1734> Acesso em: 20 out. 2010.

FARAH, Paulo. Folha de São Paulo, Ilustríssima. **Esplendor e diversidade da arte islâmica**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/812133-esplendor-e-diversidade-da-arte-islamica.shtml>> Acesso em 10 out.2010